

## Educação e modos de subjetivação no capitalismo contemporâneo: reflexões a partir de Zygmunt Bauman

RAFAEL BIANCHI SILVA \*\*

ALONSO BEZERRA DE CARVALHO \*\*

**Resumo:** O artigo tem como objetivo fazer uma breve reflexão acerca da educação no contexto da sociedade de consumo a partir das análises da contemporaneidade realizadas pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman. É destacada a relação entre a instituição escolar e os discursos do mercado e consumo, que termina por construir práticas que retroalimentam as práticas e valores defendidos pelo capitalismo contemporâneo. Apontam-se também os efeitos gerados por essa relação na questão do ensino-aprendizagem e da formação de professores. Por fim, o artigo analisa os dilemas da escola atual em face da fragilização das relações humanas e o seu papel no enfrentamento das problemáticas apontadas.

**Palavras-chave:** Educação; Sociedade de Consumo; Zygmunt Bauman.

### **Education and modes of subjectivation in contemporary capitalism: reflections on Zygmunt Bauman**

**Abstract:** The article aims to give a brief reflection about education in the context of consumer society from the contemporary society analyzes performed by polish sociologist Zygmunt Bauman. It's highlighted the relationship between the educational institution and the discourse of the market and consumption that building practices that feedback into the practices and values defended by contemporary capitalism. Also it is indicated the effects produced by this relationship on the question of teaching and learning and teacher training. Finally, the article analyzes the dilemmas of the current school in the face of the weakening of human relations and their role in addressing of the problems identified.

**Key words:** Education; Consumer Society; Zygmunt Bauman.



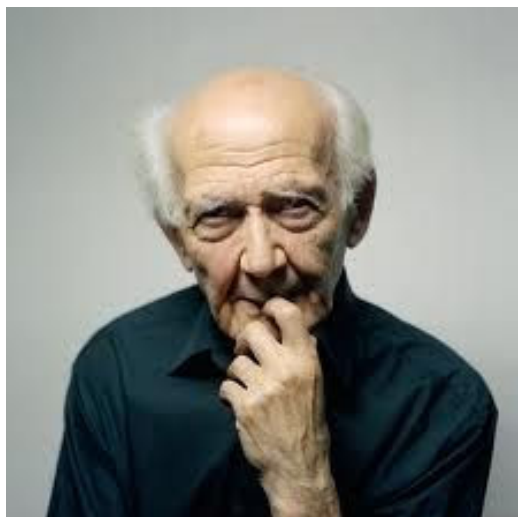
\*\* **RAFAEL BIANCHI SILVA** é Doutor em Educação (Unesp/Marília) e Professor Adjunto da Universidade Estadual de Maringá (UEM).



\*\* **ALONSO BEZERRA DE CARVALHO** Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Assistente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

## 1. Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir a relação entre educação e o modo de vida proposto pelo capitalismo contemporâneo, tendo por base as discussões realizadas pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman a partir do diagnóstico do presente construído ao longo de sua obra.



Zygmunt Bauman (1925-)

Segundo o autor, a sociedade atual é fruto de uma série de transformações que vem acontecendo ao longo do último século, marca do desenvolvimento do capitalismo e a égide da ordem e do controle. Esses processos geraram a construção de um modo de vida atravessado por diferentes instituições sociais que regulam as formas de existências dos indivíduos.

Considerando que a sociedade também é uma instituição, sendo permeadas por determinados valores implícitos ao capitalismo de consumo, característica da sociedade em que vivemos, as demais instituições também serão marcadas por tais traços. Dentre estas encontramos a instituição escolar e os processos educativo-formativos como um todo.

## 2. Sociedade de consumo

No contexto atual, a dinâmica da vida societária passa a estar baseada em relações (inclusive as de cunho interpessoal), colocadas em um mesmo patamar que os objetos de consumo. Como afirma Veronese (2008, p.6), trata-se de um tipo de consumo “[...] ensinado e aprendido como forma cultural [...]”, servindo de base para a

produção de subjetividade no contexto da sociedade capitalista. Ou em outros termos, “[...] o consumo passa a ser entendido como um entramado, um tecido relacional, não só de práticas discursivas, mas de agenciamentos coletivos [...]” (BALESTRIN; STREY; ARGEMI, 2008, p.127).

Bauman (2010, p.75-76) aponta que em um cenário cada vez mais ausente de regulação de um poder centralizado, tornando-se, portanto, mais privatizado, vê-se a centralização em interesses e preocupações consumistas, na qual “[...] a responsabilidade imediata pelas escolhas (pela ação que segue a eleição e pelas consequências de tais ações) se faz recair em cheio sobre os ombros dos atores individuais [...]”.

O que temos aqui é a constituição de um indivíduo que consome, não mais pela necessidade própria da vida, mas sim, seu inverso, no qual o consumo é tomado como sentido da própria vida. Como afirma Bauman (2008, p.225),

O traço distintivo da sociedade de consumo e de sua cultura consumista não é, no entanto, o consumo como tal; nem sequer o elevado e cada vez mais crescente volume de consumo. O que diferencia aos membros da sociedade de consumo de seus antepassados é a emancipação do consumo da antiga instrumentalidade que marcava seus limites: o desaparecimento das “normas” e a nova plasticidade das “necessidades” que liberam o consumo das travas funcionais e o

exoneram da necessidade de justificar-se em outros termos que sua capacidade de reportar prazer. Na sociedade de consumo, o consumo é o seu próprio fim [...].

Em um mundo de consumo, o indivíduo busca a satisfação imediata e continuada, afastando-se de qualquer sinal de mal-estar. Esse processo, por sua vez, é calculado sob a égide do custo-benefício, ampliado para todas as relações estabelecidas, o que inclui tanto os objetos disponíveis nos centros de compras como também outros indivíduos.

Assim, a sociedade contemporânea, toma o consumo mais do que simplesmente obtenção de bens ou objetos, mas principalmente, conforme afirma Pelbert (2002, p.34), modos de vida através de

[...] fluxos de imagem, de informação, de conhecimento e de serviços que acessamos constantemente, absorvemos maneiras de viver, sentidos de vida, consumimos toneladas de subjetividade. Chame-se como se quiser isto que nos rodeia, capitalismo cultural, economia imaterial, sociedade de espetáculo, era da biopolítica, o fato é que vemos instalar-se nas últimas décadas um novo modo de relação entre o capital e a subjetividade [...].

### 3. Educação escolar e capitalismo contemporâneo

No que diz respeito à instituição escolar, o que é observada é a adesão aos princípios do mercado também se

transformando também em objeto a ser consumido, a partir de um duplo sentido: de um lado, como algo que detém um valor de mercado; e por decorrência, é passível de ser adquirido por qualquer sujeito que detenha poder de compra.

O discurso educativo ganha força ao se unir com a dinâmica do mercado de trabalho e formação de mão-de-obra, atrelada a uma promessa de melhor condição de vida pelo aumento do ganho salarial (que no fundo se trata da atualização da teoria do capital humano). Por essa razão, a educação no mundo líquido-moderno (nos termos de Bauman), se torna um produto com alto

valor de consumo, tornando-se objeto de elevado valor de mercado e elemento importante para a dinâmica econômica da sociedade vigente.

Dessa forma, o termo “educação” detém aqui um caráter dúbio. Ao mesmo tempo em que não perde o caráter formativo, ela

também adquire novos contornos, não mais do sentido restrito de adquirir conhecimentos intelectuais (conforme o modelo racionalista indicava), como também, sob outro prisma construir formas de conduta mais colaborativas e ensaios que potencializam desejo (PARAISO, 2009). Mas afinal, qual o modelo formativo proposto pela educação escolar de nosso tempo?

Bauman (2009b) aponta que em tempos sólidos a educação escolar era como um projétil balístico, ao qual cabia ao educador assegurar que este se mantivesse em uma trajetória adequada e previsível, sendo determinada antes



mesmo de seu ponto de partida qual seria o seu ponto de chegada. Tal pressuposto, com a instabilidade sentida no mundo líquido-moderno, perde completamente o seu sentido. Não se sabe qual é o ponto de chegada já que ele aponta para algo ainda não construído. Assim, o autor afirma que nesse contexto,

[...] para ser de alguma utilidade, a educação e a aprendizagem devem ser contínuos e, inclusive, estender-se por toda a vida. Não é concebível nenhuma outra forma de educação e/ou aprendizagem; é impensável que se possam “formar” pessoas ou personalidades de outro modo que não seja por meio de uma re- formação continuada e eternamente inacabada (2009b, p.157-158).

Se a própria educação escolar passa a adotar os valores da sociedade de consumo na qual é um bem com prazo de validade, o que tem ela a oferecer aos novos habitantes desse contexto que se encontra em sistema de corrosão? Vê-se a materialização de uma crise escolar que a primeira vista pode ser observada na questão do ensino-aprendizagem.

Bauman aponta que esses processos estão baseados em duas premissas: “[...] a primeira justificou a necessidade e os benefícios da transmissão do conhecimento dos professores para os alunos. A segunda incutiu nos professores a autoconfiança necessária para inserir na validade atemporal do modelo que desejavam ser seguido e imitado por seus alunos” (2011, p.114).

A crise escolar se funda no fato de que a escola atua a partir de pressupostos rígidos em tempos que não se formatam a tais critérios. O problema é que não se trata da construção de novas teorias pedagógicas ou mudanças extremas em relação à dinâmica interna da instituição escolar, já que “[...] é o mundo de fora

dos prédios escolares que se tornou muito diferente do tipo de ambiente para o qual as escolas clássicas [...] preparavam seus alunos” (BAUMAN, 2011, p.118).

Esses elementos relativos ao papel da educação em nosso tempo, geram impactos que atingem as formas vinculares:

[...] a coesão social em qualquer escala é uma função do consenso, do conhecimento comum, e, sem constante atualização e interação, essa coesão depende crucialmente da estrita e primária educação — e memória — da cultura. **A flexibilidade social, ao contrário, depende do esquecimento** e da comunicação barata (BAUMAN, 1999, p.21-22, grifo meu).

Em outra passagem, o autor aponta os efeitos do consumo na capacidade humana de aprender, também modulada pela fluidez dos objetos de aprendizagem, entendidos como instantâneos e passageiros:

Num mundo assim, o aprendizado necessariamente vai à caça de objetos elusivos. Para piorar as coisas, os objetos começam a evaporar no instante em que são pegos; como as recompensas pela ação correta tendem a se mover para diferentes lugares todos os dias, os reforços tanto induzem ao erro quanto reconfortam: são armadilhas a evitar e temer, pois instilam hábitos e impulsos que com o tempo se mostrarão inúteis, quando não francamente artificiais (BAUMAN, 2011, p.115).

Isso tem como consequência a formação do que o autor chama de cultura do esquecimento:

A necessária redução do tempo é melhor alcançada se os consumidores não puderem prestar atenção ou concentrar o desejo por

muito tempo em qualquer objeto; isto é, se forem impacientes, impetuosos, indóceis e, acima de tudo, facilmente instigáveis e também se facilmente perderem o interesse. **A cultura da sociedade de consumo envolve sobretudo o esquecimento, não o aprendizado** [...] (1999, p.89, grifo meu).

Tal ponto interfere na capacidade de aprendizagem, gerando consequências prejudiciais aos indivíduos. Bauman (2008, p.93) aponta que

[...] A capacidade de aprender, memorizar e adotar como hábito um tipo de conduta que no passado demonstrou ser exitosa (ou dizer, que resultou gratificante) pode ser, no entanto, suicida se as relações entre os atos e suas consequências são aleatórias e efêmeras e passam por mudanças sem aviso prévio.

No que diz respeito à formação docente, diferentemente de tempos de estabilidade, passa a ser estimulada por discursos que apontam para a necessidade continuidade, sem limite em termos de tempo ou temáticas para o aperfeiçoamento, variando em direção de acordo com as questões específicas que venham a fazer parte do cotidiano escolar e/ou das políticas institucionais vivenciadas.

Em entrevista a Alba Porcheddu (2009, p.680), Bauman indica a premissa desse processo: “[...] no ambiente líquido moderno, a educação e o aprendizado, não importa o uso que se faça deles, devem ser contínuos e permanentes [...]”. Se por um lado, ele favorece que o educador pense a respeito de sua prática, por outro, o fato de não possuir necessariamente um fim descrito pode gerar uma ilusão acerca do próprio sentido formativo que remete à concepção do que é ser um educador. Reencontramos aqui, a partir da

formação docente, a falta de sentido do mundo contemporâneo.

Como consequência direta desse modelo de formativo, abrem-se as portas para a difusão de um discurso que relaciona certificação e formação continuada retroalimentando a relação da educação com o mercado de trabalho. Nesse mesmo âmbito, estabelece-se uma ligação entre tais cursos – normalmente de curta duração – com o nível de empregabilidade e a capacidade de melhor atuação no contexto de sala de aula, o que nem sempre se demonstra verdadeiro já que a maioria deles além de prescindir de momentos práticos – também de reflexão quanto de atuação – também terminam ocupando lugar de formação inicial devido ao *déficit* na formação do educador. Na mesma entrevista acima citada (2009, p.663), Bauman aponta que “[...] o consumismo de hoje não visa ao acúmulo de coisas, mas à sua máxima utilização. Por qual motivo, então, ‘a bagagem de conhecimentos’ construída nos bancos da escola, na universidade, deveria ser excluída dessa lei universal?”.

Para a concretização desse processo, a escola deve ser esvaziada de práticas políticas que implicariam na vivência e análise da dimensão comunitária. Por essa razão, com o afastamento de questões relevantes ao indivíduo moderno, o campo político passa a ser tomado por valores de mercado, tendo como uma de suas expressões, o consumo.

#### 4. Conclusão

Já houve um tempo em que a escola possuía um valor quase transcendental no que diz respeito à sua relação com a sociedade. Era vista como uma instituição “à parte”, fora dos problemas e conflitos que afligiam o contexto

societário e, por essa razão, capaz de, a partir de seu olhar analítico, propor e intervir visando a resolução de tais questões encaradas como problemáticas.

Porém, com o tempo, foi-se observando que a escola faz parte desse mesmo contexto que analisa, sendo atravessada pelos dilemas da sociedade a qual ela poderia “consertar”: é necessário, para tanto, se misturar com aquilo que era objeto-alvo. É nesse momento que se vê ser inevitável que o mundo entre na escola,

Aplicada ao momento atual, o mundo traz para dentro da escola as marcas do individualismo e do consumismo de nosso tempo. Nesse sentido, a instituição escolar passa a não tratar apenas processos externos a ela, mas principalmente, internos a sua dinâmica que, por sua vez, sem a devida atenção, terminam por colocar em riscos o sentido da educação escolarizada.

Assim configura-se a condição de crise que termina por gerar, como um de seus efeitos a sensação de perda de identidade (como se algum dia houvesse tido alguma que fornecesse garantias). Dessa forma, é necessário conceber e adotar novos discursos que venham a fornecer sentido às práticas escolares.

É nesse emaranhado de sensações ambivalentes que surge a adesão aos discursos que aproximam a escola ao mercado, tanto no que diz respeito à formação para o trabalho quanto à formação para o consumo. Ou em última análise, na transformação da educação em sistema de ensino, passível de ser reproduzido a partir da compra de uma licença junto à empresa provedora.

A escola reproduz em suas práticas discursos que apontam para a necessidade de empreender e ser proativo, características de lideranças e de um espírito capaz de sobreviver às

contínuas mudanças das demandas de mão-de-obra do mercado de trabalho, que como sabemos não tem vagas para todos (uma das premissas do próprio sistema capitalista).

Mas mesmo em vista da incapacidade de produzir, que a escola ainda forme o sonho e construa uma educação que ensine a capacidade de sonhar, de desejar e construir maneiras de conseguir o que se quer. Tal agenciamento do desejo fecha o sistema chave-fechadura que conecta mercado consumidor e instituição escolar.

Torna-se importante questionar os possíveis efeitos derivados dessa proximidade. Em um primeiro momento, é possível apontar que a escola estaria tendendo para a reprodução dos valores da sociedade de consumo, deixando em segundo plano um possível papel de questionamento desse processo.

Assim, a escola perde a sua característica de espaço de relações que são potencialmente problematizadoras da vida cotidiana, acabando por se tornar espécie de instituição doutrinária de base, a partir da qual, cada nova integrante da sociedade aprenderia desde cedo princípios que colocam em xeque o próprio sentido societário.

Na escola da sociedade de consumo, ações comuns passam a ser atividades em grupo, colocando o foco muito na dimensão psicológica interpessoal (derivada de habilidades intrapessoais) do que na dinâmica de uma discussão acerca da coletividade. Da mesma forma, sentimentos de pertencimento e vinculações para além do contexto imediato também ficam em segundo plano. E com isso, perde-se o senso de solidariedade e amizade.

Assim, conforme aponta Bauman (2009a, p.23), “[...] em algum momento,

a amizade e a solidariedade, que eram antes os principais materiais de construção comunitária, se tornam frágeis, em ruínas ou muito débeis”. Fechamos o texto indicando que a defesa desses dois traços humanos significa uma nova posição em frente a sociedade de consumo, já que a perda desses valores são marcos importantes observados nesse contexto, sendo esta uma das principais tarefas formativas a serem colocadas em práticas para as gerações futuras.

#### Referências

BALESTRIN, Viviani Giusti; STREY, Marlene Neves; ARGEMI, Miquel Domènech. A emoção é consumo: Subjetivação e Agencimentos da Vida Capital. **Athenea Digital**. n.13. p.121-132, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As Consequências Humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

\_\_\_\_\_. **La Sociedad Sitiada**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2008.

\_\_\_\_\_. **En Busca de la Política**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2009a.

\_\_\_\_\_. **A Arte da Vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009b.

\_\_\_\_\_. **Mundo Consumo: Ética del Individuos em La Aldea Global**. Buenos Aires: Paidós, 2010.

\_\_\_\_\_. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PARAISO, Marlucy Alves. Currículo, desejo e experiência. **Educação e Realidade**, v.34, p. 277-293. Maio/ago.2009.

PELBART, Peter Pál. Poder sobre a vida, potência da vida. **Lugar Comum (UFRJ)**, nº17, p.33-43, 2002.

PORCHEDDU, Alba. Zygmunt Bauman: entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida. **Cadernos de Pesquisa**. vol.39, n.137, p. 661-684. 2009.

VERONESI, Marília Veríssimo. Sujeito, consumo e solidariedade: as ausências e presenças. **E-Compós (Brasília)**, v. 11, p. 1-18, 2008.

Recebido em 2013-06-24  
Publicado em 2013-07-06